

## **Formação de leitores: a propaganda televisiva na sala de aula.**

Rosana Aparecida Santana de Oliveira(PDE/SETI/UNIOESTE)  
Ruth Ceccon Barreiros(UNIOESTE)

Resumo: O estudo desse artigo trata de leitura de textos na escola a partir de uma abordagem do gênero textual propaganda televisiva. As reflexões aqui apresentadas têm como base a pesquisa, produção de material didático Folhas, GTR (Grupo de trabalho em Rede) e aplicação do Folhas em sala de aula. Estas atividades foram realizadas no Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE, do governo Estadual do Paraná, uma parceria entre SETI e UNIOESTE /Cascavel para formação continuada de professores. A pesquisa pautou-se nas teorias de leitura, gêneros textuais, mídia e propaganda. Fundamentaram os estudos e as reflexões pesquisadores como Kleiman (2004), Zilberman (1986 e 2004), Magnani (2001), Meurer (2002), Ghilardi (2002) dentre outros. Partimos do princípio que na sala de aula, independentemente da disciplina, há pouco trabalho com textos de circulação social que melhor reflitam o contexto do aluno. Tanto a pesquisa como as ações propostas no Folhas e demais atividades elencadas acima procuraram estabelecer interdisciplinaridade com as disciplinas de Sociologia e Arte. O desenvolvimento destas ações deu-se nas salas de aula, do Colégio Estadual D. Pedro II, em Foz do Iguaçu, no laboratório de informática, com alunos do terceiro ano do Ensino Médio e com alguns professores de Língua Portuguesa do mesmo colégio.

Palavras chaves: Leitura, Propaganda, Ensino-Aprendizagem, Ensino Médio.

Abstract: The study of this article comes to reading of texts in school from a textual approach to gender propaganda television. The thoughts presented here are based on the research, production of teaching material leaves, TNG (the Task Force Network) and application of leaves in the classroom. These activities were carried out in the Program for Educational Development - EDP, the state government of Parana, a partnership between SETI and UNIOESTE / Calabar for continuing education of teachers. The research is guided in the theories of reading, textual genres, media and propaganda. Substantiate the studies and reflections as researchers Kleiman (2004), Zilberman (1986 and 2004), Magnani (2001), Meurer (2002), Ghilardi (2002) among others. The assumption that in the classroom, regardless of discipline, there is little work with texts of social movement that better reflect the context of the student. Both the search as the actions proposed in the leaves and other activities listed above sought to interdisciplinarity with the disciplines of sociology and art. The development of these actions took place in classrooms, of State College D. Pedro II in Foz do Iguaçu, in the

laboratory of computer science, with students of the third year of high school and with some Portuguese-speaking teachers of the same college.

Key words: Reading, Propaganda, Teaching-Learning, high school.

## INTRODUÇÃO

“As palavras me antecedem e ultrapassam,  
elas me  
tentam e me modificam, e se não tomo  
cuidado  
será tarde demais: as coisas serão ditas sem  
eu as  
ter dito. Ou pelo menos não era apenas  
isso. Meu  
enleio vem de que um tapete é feito de  
tantos fios  
que não posso me resignar a seguir  
um fio só;  
meu enredamento vem de que uma  
história é feita  
de muitas histórias. E nem todas posso  
contar.”

(Clarice Lispector)

O objeto de estudo deste artigo é a leitura de textos na escola a partir de uma abordagem do gênero textual propaganda televisiva. Trata-se de um relato de experiência na construção do material didático, Folhas, voltado para alunos do Ensino Médio. O material foi elaborado por ocasião da formação continuada de professores da área de Língua Portuguesa, no Programa de Desenvolvimento da Educação – PDE, proporcionado pela SETI – PR, em parceria com a Unioeste /Cascavel. Nosso objetivo foi desenvolver no aluno a competência comunicativa e leitora das propagandas televisivas, evidenciando que cada tipo de texto é apropriado para um tipo interação específica e que apresentam características sócio-comunicativas definidas pelos conteúdos, propriedades, estilo e composição característica.

Quando se trata de desenvolver habilidades de leitura, a escola, muitas vezes, prioriza a leitura de textos literários em detrimento dos textos do cotidiano. Na sala de aula, independentemente da disciplina, há pouco trabalho com textos de circulação social, que melhor reflitam o contexto do aluno, como a propaganda televisiva. Isso nos levou a questionar se não poderia estar nessa ausência de textos, mais próximos da realidade do aluno, uma das causas das dificuldades de leitura e, por conseqüência, o desinteresse do jovem pelo hábito de ler.

Questionar os processos de produção de leitura é entender quem trabalha com seu ensino, com a constituição dos processos de significação, uma vez que não é só quem escreve que significa, mas quem lê também atribui sentidos. Sabemos que a construção de sentido não se dá abstratamente, mas em condições determinadas, cuja especificidade está em serem sócio-históricas.

Neste sentido, nossa proposta de trabalho foi levar os alunos a lerem e compreenderem as propagandas televisivas que possuem extraordinário poder de comunicação de massa e nas quais se pode perceber que, nos últimos anos, o público adolescente transformou-se em um dos principais alvos. Estes, vistos como consumidores em potencial, não só de produtos, mas também de idéias, as quais nem sempre são analisadas criticamente no que diz respeito a servir aos propósitos de alienação ou de emancipação.

### **O papel social da leitura na escola**

O grande desafio da escola é construir conhecimento, especialmente o conhecimento leitor, chave para a aquisição dos conhecimentos como um todo. Partindo-se deste princípio, como o professor pode voltar seu trabalho para o ensino da leitura crítica e diversificada, inserida na realidade do aluno, aliando teoria e prática? Como inserir a leitura no quadro sócio-cultural do aluno, levando-o a entender como se dá o entendimento dos textos em seus aspectos

psicológicos e culturais? Como mostrar que podemos ser afetados e controlados diante de fins considerados não científicos ou de valores duvidosos em uma sociedade em determinada época? Para quem é interessante conceber a leitura à realização e ao bem estar de um povo, como meio de despertá-lo em sua consciência e racionalidade? Os problemas de leitura estão desvinculados dos problemas de estrutura social onde se vive? De acordo com Silva (1998), a linguagem escrita cumpre propósitos de persuasão para efeitos de publicidade e propaganda. Com base nisso, entende-se que é necessário instrumentalizar o aluno para que este se torne um leitor proficiente, também, da propaganda televisiva.

Para compreender o processo de leitura do gênero propaganda televisiva é preciso ler e trabalhar os aspectos lingüísticos, cognitivos e sociais presentes no gênero. A leitura de textos em sala de aula e fora dela, pressupõe que o leitor ative sua memória e acione diversos tipos de conhecimentos. Para Kleiman(1989), tanto conhecimento lingüístico quanto textual e de mundo são importantes para que o leitor construa o(s) sentido(s) do texto. Assim, é preciso compreender as palavras, as estruturas frasais e os tipos de estruturas textuais. O conhecimento dos gêneros textuais e o conhecimento adquirido ao longo da vida, auxiliam nas inferências e entendimento dos pressupostos, fazendo com que o leitor reconheça as pistas deixadas pelo autor, preenchendo os vazios, percebendo o texto em seu aspecto plurissignificativo.

Neste sentido, é imprescindível trazer a propaganda televisiva para dentro da sala de aula como recurso pedagógico. Uma possibilidade de intervenção no processo de formação de leitores é tentar atrair a atenção dos alunos enquanto público alvo dessa mídia. Os produtores deste gênero textual se esmeram cada vez mais para atrair a atenção dos leitores, por suas implicações de poder, beleza, saúde, entusiasmo e masculinidade ou feminilidade, elementos que sensibilizam o espectador e servem para pô-los em estado de espírito mais receptivo.

## **O percurso teórico**

Questionar os processos de produção de leitura, segundo Pulcinelli (2004), é entender quem trabalha com seu ensino, com a constituição dos processos de significação: “Não é só quem escreve que significa; quem lê também produz sentido. E o faz, não como algo que se dá abstratamente, mas em condições determinadas, cuja especificidade está em serem sócio-históricas” (p.59).

Silva e Zilberman (2004), afirmam que ao se colocar a leitura como base da educação confundiu-se com alfabetização, atividade esta revestida de caráter sagrado, de qualidade diferente e superior, tornando, a passagem à condição de leitor, nem sempre de maneira natural, pois, o leitor passa a dispor de uma habilidade desligada do seu dia-a-dia. “Ler dissolve-se entre as obrigações da escola, não se associando às diferentes modalidades de textos com que a criança está envolvida e que estimulam sua atividade consumidora” (p.13). O processo começa pelo esvaziamento das relações entre a leitura e o contexto. Saber não é só ter o conhecimento na memória, mas ser capaz de efetivamente buscar, encontrar e usar informações que precise para objetivos específicos.

Independentemente de sua forma ou configurações, a leitura tem como finalidade, a comunicação entre os homens que interagem em sociedades específicas, conseqüentemente, ela é carregada de valores próprios da organização e da produção da existência dessas sociedades construídas historicamente. Sendo assim, como é possível restringir ao aspecto lingüístico a leitura desenvolvida na escola, se não se pode ignorar que o aluno não é um sujeito desarraigado de sua condição de classe?

Para os professores da área de Língua Portuguesa que participaram do desenvolvimento do trabalho, pela experiência que eles têm no processo de formação do gosto pela leitura, no dia-a-dia, acreditam que os livros chegam muito tarde na vida dos alunos e que

é normal que seja assim, porque de algum modo, à medida que os alunos vão amadurecendo como leitores, conseguem retroceder no tempo e conseqüentemente, entender com mais clareza.

A escola atendendo a fatores históricos e pedagógicos, muitas vezes se esquece o valor fundamental da leitura que é o do gosto, do interesse do leitor.

O acesso aos diversos gêneros textuais presentes em nosso contexto social, a possibilidade de diferentes interpretações sobre o mesmo tema é, segundo Silva (1998), de importância vital no processo de formação do leitor crítico à medida que lhe permite comparações e julgamentos de idéias: “Ensinar o aluno a ler criticamente significa fazê-lo perceber os múltiplos lugares ideológico-discursivos que orientam as vozes dos escritores na produção de seus textos.” (p. 30).

O trabalho de leitura com o gênero textual propagandas televisivas despertou nos alunos um olhar diferente e menos passivo diante das propagandas televisivas. Especialmente àquelas que não possuem uma regulamentação séria de acordo com as normas éticas do Código Brasileiro de Auto-Regulamentação Publicitária estabelecidas pelo CONAR para disciplinar esse tipo de propaganda que não é compromissada com o telespectador. Diariamente, olhares e ouvidos de muitos jovens são captados por anúncios de diferentes produtos ou serviços que informam pouco sobre o que anunciam e geram repentinas necessidades e demandas de consumo que nem imaginavam ter, mas quase sempre são persuadidos por inúmeras estratégias que, ao entendê-las, os alunos podem deixar de agir inconscientemente, uma vez que se trata de um expectador jovem, cuja personalidade se encontra em plena formação.

Como todas as motivações básicas do homem são condicionadas emocionalmente, o especialista que cria/elabora a propaganda, de acordo com Brown (1976), recorrerá amplamente ao amor, à raiva, ao medo, à esperança e quaisquer outros sentimentos, emoções e impressões úteis a alcançar seus objetivos de consumo.

Via de regra, ele pretende despertar um desejo por algum objetivo, para posteriormente alvitrar ser ele o único que possui meio de satisfazer aquele desejo; pode, porém igualmente tirar proveito dos sentimentos de inadequação ou culpa do seu alvo a fim de induzi-lo a querer fazer a coisa certa de acordo com seu entendimento. Brown (1976), afirma:

“Ninguém, porém, pode criar emoções ainda não existentes, e a propaganda limita-se a evocar ou estimular as atitudes adequadas a seus fins entre todas as existentes em seu público, atitudes estas que podem ser inatas, porém mais usualmente são socialmente adquiridas.” (p. 40)

E em um mundo sem fronteiras, onde as informações são transmitidas de um continente a outro na velocidade dos bits, a mensagem é tudo. No artigo “O papel social da propaganda”, escrito por Madureira (2002), podemos encontrar a afirmação de que a propaganda não cria desejos, mas intensifica coisas boas ou ruins que estão dentro de cada um de nós.

Nesta perspectiva, para compreender palavras, imagens, sons em todas as suas dimensões e tipos de manifestações, em uma acepção mais ampla, afirma Santaella (2002), a semiótica é a teoria de todos os signos, códigos, sinais e linguagens que estão fundamentadas em esquemas perceptivos; e que parte do programa evolutivo da espécie humana, a proliferação ininterrupta de signos, cria cada vez mais a necessidade de que possamos lê-los, dialogar com eles, em um nível um pouco mais profundo do que aquele que nasce da mera convivência e familiaridade.

Quando aplicada à publicidade, a análise semiótica tem por objetivo tornar explícito o potencial comunicativo que um produto, peça ou imagem apresenta, ou seja, é preciso explorar por meio de análise, quais os efeitos que um dado texto pode produzir em um receptor. “Esses efeitos podem ser desde uma primeira impressão até o nível de valor que o receptor pode e, muitas vezes, é levado a efetuar” (p.69).

Toda atividade com leitura na escola deveria iniciar-se com questionamentos sobre qual o objetivo social do trabalho escolar e, dentro dele, o trabalho docente. Leitura crítica vincula-se a uma concepção progressista de escola, criativa da linguagem e libertadora de ensino. Daí a necessidade de uma discussão ampla a respeito da política e da filosofia que sustentam a escola, principalmente no que se refere ao tipo de cidadão que se deseja formar nas situações ensino-aprendizagem. Dentre elas, as atividades de leitura e leitura da propaganda televisiva, dada à intensidade com que se faz presente na vida das pessoas, e, especialmente, dos adolescentes.

### **Reflexões acerca do objeto de estudo**

A maioria dos professores de Língua Portuguesa do Ensino Médio preocupa-se com a formação de leitores críticos. A oportunidade de formação proporcionada pelo Programa de Formação Continuada – PDE – do governo do Estado do Paraná tem atendido muito destes anseios e é deste lugar que se apresenta, a partir de agora, as atividades desenvolvidas no programa.

Inicialmente, teve-se acesso a livros voltados para os temas que sustentassem um referencial teórico. Nestes estudos buscou-se compreender a concepção da leitura na escola, bem como sua prática de forma interdisciplinar. Em seguida, foram feitas leituras sobre semiótica com vistas a refletir sobre as possíveis dificuldades encontradas na teoria de análise dos signos, uma vez que, segundo Santaella (2004):

“O extraordinário poder das comunicações de massa, as modernas mídias eletrônicas renovam a cada minuto a perplexidade e o interesse do homem contemporâneo diante da proliferação dos signos e seu funcionamento, muitas vezes caprichoso e obscuro”.

Nesse sentido, chama-nos a atenção para o poder que tem sido dado a esse tipo de comunicação que influi na criação e modificação



dos valores morais e estéticos dos brasileiros, superiores aos da família e da escola, em muitos casos.

Considerando-se que a competência para análise da realidade é dada pela leitura de mundo, adquirido especialmente na leitura do texto escrito que apresenta informações historicamente acumuladas, aquele que não lê ou lê muito pouco, em geral, apresenta menos conhecimento e pouca capacidade crítica. Esse fator nos motivou a pesquisar sobre o papel da propaganda na vida das pessoas, considerando-se que este gênero, via de regra, apresenta intertextualidades e requerem um leitor proficiente. Durante o estudo dessas leituras preliminares, algumas reflexões surgiram e fizeram com que se buscassem em outros referenciais teóricos, conhecimentos sobre os diversos aspectos do tema para se conhecer o contexto da leitura, da semiótica e da propaganda.

A partir dessas reflexões entendeu-se que o processo de formação do aluno deve, entre outras coisas, partir da análise crítica das informações disponíveis. É nessa direção que a leitura do gênero propaganda televisiva pode funcionar, mediando às interlocuções, possibilitando questionamentos, levando o aluno a fazer relações complexas, conectando idéias distintas, fazendo elaborações pessoais sobre a sua visão da realidade e compartilhando-a no espaço da sala de aula. Esse método de trabalho considera o indivíduo como um signo e procura entender a maneira como o mesmo elabora, recebe e processa as informações de caráter áudio-visual.

Segundo Kleiman (2004), quando o aluno faz uma leitura diferente do seu dialeto e o professor o interrompe ou interfere com correções, o professor deixa a atividade para outro plano que não o da interação professor-aluno, tornando o texto, para o educando, inteligível e incoerente, aproximando-o do intolerável. Nestas situações o professor poderia, por meio do texto, reconstruir sentidos na experiência do aluno interlocutor, para que ele compreenda que o texto é produto de uma intencionalidade, escrito para alguém, com

alguma intenção de chegar aos outros para informar, persuadir, influenciar, processo similar ao que se faz na oralidade.

Lembrando que ensinar a ler é uma tarefa de todos os professores, não sendo exclusividade do professor de Língua Portuguesa, o qual é, em geral, responsabilizado pela dificuldade do aluno ao interpretar equivocadamente conteúdos de outras disciplinas. O desconhecimento de leitura e dos processos sócio-cognitivos nela envolvidos leva as pessoas a construírem um conceito limitado desta ação da linguagem.

### **O Material Didático Folhas**

O Programa PDE previu o desenvolvimento de um material didático, OAC, Objeto de Aprendizagem Colaborativa, ou Folhas, projeto de conteúdo pedagógico que tem como interlocutor o aluno. Optou-se, depois de algumas ponderações, pela elaboração do material didático “Folhas”, tendo em vista que este permitiria um diálogo mais direto com o aluno do Ensino Médio.

O projeto Folhas é um material pedagógico de formação continuada que oportuniza ao profissional da educação a reflexão sobre sua concepção de ciência, conhecimento e disciplina, os quais influenciam a prática docente. O projeto integra ainda a valorização dos profissionais da Educação da Rede Estadual do Paraná, instituído pelo Plano Estadual de Desenvolvimento Educacional. Nesta dimensão formativa, é a produção colaborativa, pelos profissionais da educação, de textos de conteúdo pedagógico que constituirão material didático para os alunos e apoio ao trabalho docente.

O objetivo do projeto na escola foi desenvolver no aluno a competência comunicativa e leitora em relação às propagandas televisivas, despertando uma concepção crítica de leitura. De acordo com Silva (1998), seria levar os alunos deste grau de ensino a compreender a leitura criticamente enquanto prática social que passa

pela denúncia da desigualdade social e pelas formas de encobrir ideologias da mesma:

“A criticidade pode não operar milagres e nem revoluções da noite para o dia, mas ela pode levar o sujeito a enxergar o avesso das coisas. Pode ser um contraponto ou um escudo aos mecanismos de alienação. Pode desnudar a mentira, recolocando o leitor nos trilhos da objetividade dos fatos. Pode, enfim, gerar conflitos.” (p.16).

As competências de leitura crítica não aparecem automaticamente: precisam ser ensinadas incentivadas e dinamizadas pelas escolas no sentido de procurar, desde as séries iniciais, desenvolverem nos estudantes atitudes de questionamento perante os materiais escritos.

### **Implementação na escola do Material Didático Folhas**

Para melhor atingir aos objetivos propostos realizou-se um diagnóstico por meio de entrevista com professores de todas as áreas do Colégio D. Pedro II, situado em Foz do Iguaçu, *lócus* desta pesquisa, a respeito da formação dos professores no que se referia a concepção de leitura a partir do gênero textual propaganda.

Primeiramente, ao analisar as respostas das entrevistas dos professores, sobre a diversidade e prática das leituras realizadas na escola, observou-se que muitas delas evidenciaram uma incoerência entre o que os professores declararam e suas práticas em sala de aula; isso leva a (re)pensar o lugar que a leitura ocupa no dia-a-dia escolar, nas dificuldades de letramento e ainda, na própria formação, muitas vezes, precária dos professores, que segundo Kleiman (2004), não são leitores e têm, no entanto, que ensinar a ler. Para atender aos objetivos do trabalho na escola perguntou-se primeiramente aos professores: Há quanto tempo lecionam na escola e em que turmas? Buscou-se saber qual o nível de formação e se estes fazem cursos de aperfeiçoamento pela escola, secretaria ou particular. Em seguida, procurou-se entender o conceito de leitura de professores de outras

áreas, questionando: Como os professores definem leitura e leitor? Qual a proposta de leitura desenvolvida com os alunos? O que conseguem apreender em relação à leitura dos alunos? Entendendo-se que, independentemente da área, o professor pode desenvolver um trabalho de leitura com os alunos, perguntou-se ainda: Indica livros para ler? Por quê? Desenvolve algum trabalho com os alunos a partir da leitura dos livros? Faz uso da biblioteca? Como e quando? Em seguida a esses questionamentos, achou-se pertinente perguntar se os professores gostavam de ler, que tipos de textos, com que frequência e o que estavam lendo no momento.

Novos resultados da pesquisa foram aparecendo à medida que os professores se dispunham a participar do preenchimento dos questionários. Alguns deles responderam prontamente, considerando a importância da leitura na formação e a oportunidade de se trabalhar com outros gêneros textuais como o gênero propaganda, mas contraditoriamente, colocaram-se como não leitores, como não usuários da biblioteca como pesquisa; outros não responderam a todas as perguntas, especialmente porque elas explicitariam sobre suas práticas. Houve quem pegou o material e esqueceu de responder no prazo ou ainda de entregá-lo a tempo de ser analisado. Diante desses procedimentos inferiu-se que, atitudes como estas, possivelmente, estejam relacionadas à insegurança ou ao pouco entendimento sobre o ensino-aprendizagem de leitura como sendo um compromisso de todo professor, independente da área.

Neste sentido, Kleiman (2004), afirma: “o ensino de leitura compete a todos, entretanto, os professores estão mal informados em relação ao processo, ao leitor e às estratégias que levam ao domínio do processo para assumir o ensino de leitura com coerência.” (p.7). Com isso, foi possível questionar, qual o lugar que a leitura ocupa no dia-a-dia escolar; nas dificuldades de letramento e, ainda, na importância de complementar os conhecimentos do professor com informações sobre estratégias de leitura, gêneros textuais e análise

do discurso, oportunizando, assim, maiores condições para o trabalho com a língua em seus mais diversos usos no dia-a-dia.

Entendeu-se, ainda, a partir dos questionários iniciais de pesquisa com os professores, que a propaganda é muito forte no cotidiano dos alunos. E de acordo com os comentários destes profissionais da educação, elas influenciam muito o cotidiano dos educandos. Nesta perspectiva, segundo Citelli (2001), a propaganda, em geral, causa uma espécie de suspensão, um devaneio momentâneo, que leva o telespectador a vivenciar um conjunto de imagens simbólicas estruturadas a partir de um discurso de persuasão.

Em um segundo momento realizou-se entrevistas com os alunos do terceiro ano do ensino médio. Para que isso fosse possível, a escola enviou aos pais ou responsáveis, uma solicitação que autorizasse o aluno a responder um questionário sobre a leitura, com o objetivo de servir como material de apoio à pesquisa e aos estudos em questão. Assim, a partir dos dados coletados, propor-se-ia uma intervenção de formação leitora que atendesse às necessidades comunicativas dos alunos. Uma vez autorizados, os alunos responderam às questões sobre faixa etária, preferências de leitura, de programas de televisão, nível sócio-econômico etc. Também neste momento as respostas dadas, pelos alunos, apresentaram descompasso entre o que se tinha e o que se desejava em relação aos hábitos e práticas de leituras no cotidiano.

Em momento da análise dos dados coletados junto aos alunos, em uma primeira etapa, procurou-se inferir sobre a situação de preenchimento do questionário bem como sobre as repostas dadas. Nesta perspectiva, dois fatores foram preponderantes: primeiro quem aplicou a entrevista foi uma professora de outro turno, desconhecida dos alunos, que iniciou o trabalho contextualizando a prática da leitura na escola. Com este procedimento inicial, a professora interferiu, de certa forma, nas respostas fornecidas pelos alunos. Isto foi percebido, em análise posterior, nas respostas apresentadas no

questionário. Possivelmente, eles tenham respondido tendo em vista os objetos de desejo pertinentes à idade e, neste sentido, ser bom leitor é desejo de todos. Contudo, as repostas não revelavam a realidade dos hábitos de leitura de muitos destes alunos, quando comparadas às respostas dadas pelos professores regentes da sala de aula pesquisada.

Como já mencionado anteriormente, a propaganda esta muito presente no cotidiano dos alunos, de acordo com as respostas, dadas no questionário aplicado aos professores. Nesta perspectiva, segundo Citelli (2001), a propaganda causa uma espécie de suspensão, um devaneio momentâneo, que leva o telespectador a vivenciar um conjunto de imagens simbólicas estruturadas a partir de um discurso de persuasão.

A partir dos dados coletados, por meio dos questionários, respondidos por professores e alunos partiu-se para a delimitação do corpus de pesquisa e para os estudos com o gênero textual propaganda que trabalha com o mito da felicidade e da igualdade que se constrói em uma necessidade sugerida ao telespectador.

Ao se propor um trabalho com leitura de propagandas televisivas buscou-se tomar a leitura como prática social eficiente e interessante, oferecendo ao aluno do Ensino Médio mais uma oportunidade de entender o que o mundo tem para dizer ou está dizendo e, a partir daí, decidir se está de acordo ou não. Quando isto é possibilitado pelo professor em sala de aula, ele está contribuindo para a formação de alunos criativos, capazes de refletir, de ouvir o outro, de respeitar as diferenças e acima de tudo, ser capaz de analisar situações criticamente e buscar soluções.

Atrair a atenção dos alunos para as estratégias utilizadas pelos profissionais que elaboram as propagandas é entender o intuito dos mesmos em despertar as motivações básicas do homem, emocionalmente. Em adotando o processo que este trabalho procurou apresentar de interdisciplinaridade entre as disciplinas de Arte e Sociologia, de interação com o meio, de plantar dúvidas sobre as

possíveis representações homogêneas apresentadas no gênero propaganda, o professor estará formando leitores proficientes. E, tendo estas sugestões como ponto de partida, poderá despertar o gosto pela leitura e pela ampliação dos conhecimentos em um maior número de leitores em formação. Esta foi forma encontrada, neste contexto de estudos, de tornar significativas as atividades de leitura, sobretudo na forma de perceber como os alunos recebem os textos de propagandas diariamente.

Após a coleta dos dados, buscou-se em pesquisas bibliográficas informações sobre leitura e gênero textual propaganda subsídios para analisar as informações dos questionários com um olhar crítico sobre as possíveis causas e efeitos do processo de formação leitora que envolve professores e alunos do Ensino Médio. E com base nas necessidades verificadas construiu-se o material didático Folhas, o qual apresentou propostas para a formação em leitura para serem realizadas na sala de aula, no laboratório de informática e em casa durante os programas preferidos dos alunos.

O trabalho com os alunos teve início no segundo bimestre do ano letivo de 2008 e para sua operacionalização foram necessários a disponibilização de recursos humanos da escola (professores, pais, técnicos do laboratório de informática, equipe pedagógica e bibliotecários), estudo sobre leitura e propaganda televisiva, materiais didáticos e de consumo.

Em sala de aula, as três turmas do período matutino, sendo dois terceiros anos e um segundo ano, foram divididas em grupos, os quais analisaram questões que partiam, desde as concepções de leitura, até a habilidade de fazê-la com criticidade diante das propagandas apresentadas e pesquisadas. Como estratégia, as atividades foram desenvolvidas em etapas progressivas como: pesquisa na internet, pesquisa de opinião escolar, apresentações orais e escritas sobre leitura de charges, fotografias, músicas e histórias em quadrinhos, confecção de painéis, seleção e exibição de propagandas escolhidas pelos grupos, mural de exibição dos

trabalhos pesquisados e criação da comunidade no orkut, EU LEIO PROPAGANDA!

O trabalho com o gênero propaganda foi tão relevante que os grupos envolvidos resolveram continuar com as análises e com a comunidade no Orkut mesmo tendo terminado o trabalho de pesquisa e aplicação do Folhas na escola. Continuou-se, então a dar suporte aos alunos interessados.

Aproveitando o momento de campanha eleitoral, buscou-se entender as estratégias, os meios e o nivelamento discursivo que os candidatos faziam em relação aos seus eleitores. Analisaram-se as propagandas do Vota Brasil 2008, que visava recuperar a conscientização dos eleitores, dos que votam facultativamente e dos que ainda não votam, a importância e as consequências desse ato que, uma vez definido, os resultados terão duração de quatro anos.

Para introduzir as atividades os alunos produziram enquetes e fóruns, de forma que todos pudessem votar e deixar sua opinião registrada na comunidade cujo conteúdo foi, posteriormente, exposto a na Feira de Ciências da escola.

Desenvolver o material didático Folhas, com o objetivo de entender as possibilidades de leitura do gênero textual propaganda, com os alunos do Ensino Médio, ter a participação da equipe pedagógica e também o comprometimento dos professores de outras áreas deu ao trabalho relevância, um sentido distinto dos demais trabalhos realizados com gêneros textuais na escola. O grupo de professores e alunos envolvidos definiu esse momento como uma possibilidade ímpar de lançar novos olhares para os diversos gêneros que fazem parte do dia-a-dia de todos os leitores.

### **Grupo de Trabalho em Rede - GTR**

A orientação aos Grupos de trabalho em Rede foi mais uma atividade do Plano Integrado de Formação Continuada do Programa de Desenvolvimento Educacional, PDE, com duração de um ano.



Neste caso, iniciou-se em agosto de 2007 e finalizou as atividades em junho de 2008. Os trabalhos foram divididos em módulos com atividades de leitura, reflexão, debate e construção de conhecimento entre professores, numa relação dialógica, cujo objetivo era trazer mudanças qualitativas para o ensino-aprendizagem de leitura na prática escolar, uma vez que a proposta possibilitava o diálogo entre os professores da Educação Superior e os da Educação Básica, através de atividades teórico-práticas, orientadas por meio de estudos à distância, em qualquer horário, otimizando o tempo livre dos envolvidos.

No ambiente Moodle ficava disponível ao professor da rede as informações necessárias sobre as atividades de todos os módulos. Nos momentos de interação, de um modo geral, percebeu-se, inicialmente, pelas manifestações das professoras que participavam do GRT em rede, uma grande expectativa com o grupo, com o tema e com a possibilidade de participar do desenvolvimento do trabalho através da experiência profissional de cada um. Por outro lado, a formação do professor para utilizar o ambiente Moodle não aconteceu de maneira satisfatória. Sendo assim, muitos professores se sentiram sem habilidade para o desenvolvimento das atividades propostas. Este fator acabou dificultando uma interação melhor e mais profícua entre tutor e tutelado. Essas condições levaram o tutor a acreditar que seria necessária uma reformulação da atividade pedagógica em função da dificuldade de compreensão, por parte dos tutelados, para a realização das tarefas propostas pelo tutor. Contudo, isso não se configurou com um fato verdadeiro, pois, verificou-se, posteriormente, que a dificuldade pautava-se na falta de familiaridade, do tutelado, com o meio de comunicação. O fato de o professor não ter podido escolher o tema a ser estudado no GTR, ou uma área do conhecimento que o interessasse mais, possibilitou uma leitura semiótica da representação social do professor nesse trabalho à distância. Esta teria relação com o significado (subjeto – se ver como professor) e significante (quais imagens se encaixam no modelo

construído e esperado para si próprio), as quais são partes de uma mesma realidade, professores da rede, professores tutores e professores colaboradores. O significativo, as posições no grupo, podem ter comprometido inclusive a maneira de como responderam as questões propostas, selecionando algumas atividades e deixando de concluir outras no Grupo de Trabalho. Talvez, isso tenha acontecido, por estarem já no último nível de elevação e entenderem que não haveria promoção nem avanço de carreira, assim, optaram por não participarem mais ativamente do GTR e tentarem o próximo concurso PDE.

Outro fator relevante, que pode ter contribuído para uma participação tímida no GTR é que muitos destes professores não tinham acesso à internet. Dessa forma, não possuem o meio tecnológico necessário para poderem participar de propostas de estudos como estas. Isso possibilita outro questionamento: se de um lado a internet abre novas possibilidades de comunicação, de acesso ao mundo virtual, de desenvolvimento e aquisição de novos conhecimentos; por outro ela também pode ampliar as distâncias e as diferenças sociais de uma maneira antes impensável, ou seja, por suas implicações econômicas. Neste caso, o professor pode não ter tido condições de acompanhar as oportunidades de avanço profissional, pessoal e didático por necessitar de assessoria, recursos tecnológicos e financeiros.

## **RESULTADOS**

No percurso desse trabalho pôde-se perceber a necessidade de uma discussão coletiva a respeito do papel social que a leitura ocupa na escola, dada à intensidade com que se faz presente na vida das pessoas.

Ler é estar psicologicamente disposto a fazer perguntas, buscar respostas, e preferencialmente, saber onde encontrá-las, porque muitas vezes, as respostas não estão explícitas nos textos. Esta

proposta de trabalho teve como intuito trazer para sala de aula a leitura do gênero textual propaganda, veiculada pela televisão, de extraordinário poder de comunicação de massa, pela qual se pode perceber que, nos últimos anos, o público adolescente transformou-se em um dos grandes alvos, visto como consumidor em potencial, não só de produtos, mas também de idéias, as quais nem sempre são analisadas criticamente.

Nesta perspectiva, a pesquisa realizada com os professores evidenciou que se faz necessário que estes estejam bem fundamentados teoricamente para que possam implementar em sala de aula, práticas de formação leitora atrativas e produtivas com os diversos gêneros textuais que circundam o meio social, dentre eles o gênero propaganda. A esse respeito Silva (1988) esclarece:

“O condicionante atualização permanente, mais recentemente chamado formação contínua ou continuada, também está muito presente na configuração da identidade dos professores. (...) o velho ditado: uma vez diplomado, uma vez formado (para sempre) é mentiroso porque a essência do professor ou do que fazer educativo dirige-se exatamente para o crescimento, o aprofundamento e a renovação constante do saber epistêmico, sem o que corre-se o risco de esclerose didática pelos efeitos das ininterruptas conquistas culturais.(...) em termos comparativos, a escola hoje é muito mais complexa do que as escolas de 30 ou 40 anos atrás, exigindo uma diversidade muito maior de saberes, atitudes e habilidades por parte dos professores de modo que eles possam situar-se objetivamente no seu tempo histórico” (p. 70-71)

Neste sentido, inúmeras pesquisas apontam que o professor precisa estar atualizado em conhecimentos que possibilitem aperfeiçoar suas práticas pedagógicas. Isso precisa ser estimulado e oportunizado a todos os professores pelas instituições, as quais devem estar apoiadas pelos órgãos governamentais, como é o caso do Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná. Compartilhamos com Silva de que hoje, mais que antes, a diversidade de saberes exigido em sala de aula é muito ampla. Dessa forma, os professores necessitam de estudos que os levem ao aprofundamento constante dos conhecimentos já adquiridos em sua formação.

No que tange a implementação do material didático Folhas, no Colégio Estadual D. Pedro II, em Foz do Iguaçu, juntamente com os professores e pedagogos percebeu-se que os resultados foram positivos, tendo em vista que foi possível despertar o gosto pela leitura nos alunos envolvidos, os quais passaram a atribuir um sentido maior, um olhar mais crítico ao gênero propaganda televisiva. As atividades possibilitaram-lhes, ainda, a compreensão leitora de outros suportes como internet, orkut, revistas, jornais, discursos, etc.

Dessa forma, podemos concluir que a experiência com a leitura de propagandas televisivas foi um momento de descoberta tanto para os professores envolvidos quanto para os alunos, pois o trabalho partiu de um universo mais próximo da realidade do educando, a televisão, como entretenimento, porém, não compreendido em sua totalidade e em suas implicações. Para o professor, socializar o conhecimento, fazer uso de outras mídias é poder aprender também com os alunos. Este processo interativo de aprendizagem fez com que os dois lados fossem respeitados, deu ao trabalho um significado de compromisso coletivo que envolveu também toda a comunidade escolar.

A leitura dos clássicos, por exemplo, será sempre importante para o aluno pela sua história cultural, contudo, as leituras dos gêneros do cotidiano devem também ser exploradas como recurso pedagógico para formação de leitores críticos.

Estes estudos possibilitaram, também, compreender que os gêneros textuais do cotidiano, nem sempre estão presentes, como recurso pedagógico, em sala de aula. Vários fatores, alguns apontados pela própria pesquisa e outros inferidos no decorrer dela, colaboraram para que isso ocorra: a precária formação docente em leitura, apresentada por muitos professores; a concepção que a comunidade escolar tem do que seja leitura; as práticas metodológicas pouco significativas e pouco motivadoras, sendo, portanto, insuficientes para que o aluno perceba as possíveis armadilhas que o texto pode apresentar; a falta de conhecimento

sobre como um texto se constrói e seduz ideologicamente os adolescentes, considerando-se o poder da linguagem que vai além da informação, a qual pressupõe convencimento e persuasão.

A pesquisa bem como as atividades desenvolvidas foram, também, importantes por possibilitarem reflexões sobre os contrastantes métodos pedagógicos desenvolvidos na escola e utilizados por muitos professores para a realização do ensino/aprendizagem de leitura.

Novos desafios nas estratégias de comunicação/interação exigem que os indivíduos assumam múltiplos papéis e, no caso do professor, ainda se verifica muita resistência em relação às novas metodologias. Estas precisam ser vencidas, contudo, sabemos não acontecerão do dia para a noite. Neste sentido, essa abordagem do gênero textual propaganda televisiva pode ser pensada não só como objeto de análise, mas também como um instrumento para o desenvolvimento do gosto e formação de leitores.

Nesta perspectiva, pode-se tanto conhecer melhor o gênero propaganda, como também, atingir, em situação de ensino de leitura, o objetivo de levar o aluno a compreender o lugar social e a função social da leitura na sociedade em que este está inserido.

Uma outra questão a ser considerada é que os professores não podem ser apenas executores de um programa escolar, nem os únicos responsáveis pelo desenvolvimento de qualquer trabalho em sala de aula. Precisam, antes, se ver como parceiros no desenvolvimento das tarefas de ensino-aprendizagem, percebendo na capacidade e experiência do aluno algo que possa ser somada a sua. Desta forma, o objetivo do trabalho com a leitura pode ir ao encontro da realidade de todos os envolvidos, uma vez que pode interagir com as diversas leituras de mundo do dia-a-dia, passíveis de serem utilizadas em situações reais de ensino contextualizado, e por isso, são mais significativas.

## **REFERÊNCIAS**

- ARBEX, J. *O poder da TV*. São Paulo: Scipione, 2002.
- BARRETO, R. M. *Criatividade em propaganda*. 5. ed. Rio de Janeiro: Summus, 1982.
- BROW, J. A. C. *Técnica de persuasão: da propaganda à lavagem cerebral*. 3. ed. Rio de Janeiro:Zahar, 1976.
- CHOMSKY, N. *Controle da mídia*. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.
- CITELLI, A. *Outras linguagens na escola*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- COBRA, M. *O impacto da propaganda*. São Paulo: Atlas, 1991.
- FOUCAMBERT, J. *A leitura em questão*. Porto Alegre: Artmed, 1989.
- GHILARDI, M. I.; BARZOTTO, V. H. *Nas telas da mídia*. Campinas: Alínea, 2002.
- KLEIMAN, A. *Leitura ensino e pesquisa*. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- KLEIMAN, A. *Oficina de leitura*. 10. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria&prática*. 10. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- KNOPLOCH, Z. *Ideologia do publicitário*. Rio de Janeiro, 1980.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Técnicas de pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- Magnani, M. R. M. *Leitura, literatura e escola*. 2.ed. São Paulo: Fontes, 2001.
- MEURER, J. L.; TOTH, D.M.(orgs.) *Gêneros textuais*. São Paulo: Edusc, 2002.
- SANTAELLA, L. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Thomson, 2002.
- SANTAELLA, L. *A teoria dos signos: semiose e autogeração*. São Paulo: Ática, 1995.
- SILVA, E. T. *Criticidade e leitura :ensaios*. Campinas: Mercado de letras, 1998.
- TOMPAKOW, R.; WEILL, P. *O corpo fala*. 61. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ZILBERMAN, R. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 7. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Orgs.) *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004.

<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=52242889>

<http://www.abap.com.br/noticias/papelsocialpropaganda.htm>